

Napoleão é atacado e apoiado

A entrevista com o lingüista Napoleão Mendes de Almeida, publicada na edição de 13 de maio pelo *Estado*, provocou reações favoráveis e contrárias, manifestadas em dezenas de cartas de leitores.

"Cumpre-me lhe apresentar a minha inteira solidariedade", escreveu o empresário Manoel Joaquim de Carvalho Jr., de Salvador (BA). "De fato, estão, criminosa mente, destruindo a língua mater", opinou Maria Luiza de Freitas, da Capital, declarou-se "entusiasmada" com a entrevista e indicou vários erros de português cometidos por

"comunicadores de rádio e televisão". A seguir, algumas cartas contrárias às posições do professor Napoleão Mendes de Almeida e as respostas apresentadas por ele:

● Na entrevista publicada pelo *Estado*, o professor Mendes de Almeida incorre em imperdoável rata: "Parece — diz ele — que há o receio de confundir Português língua com português cidadão. A substituição da palavra Português por Língua Portuguesa denota horror à palavra português". Esqueceu-se o popular filólogo de que ele próprio é autor de uma Gramática Metódica da Língua Portuguesa. Portanto, de duas uma: ou o professor é incoerente, ou denota, ele mesmo, aquele horror à palavra Português. E chega a ser "marvadeza" a frase do entrevistado, que sentencia: "O linguajar caipira é um linguajar de coitados". Francisco Luís Ribeiro, Capital.

Napoleão Mendes de Almeida: O título de minha Gramática portuguesa foi dado em uma época em que não havia repulsa à designação "português" para indicar o idioma que nos une. Não necessitamos de lentes

de aumento nem de aparelhos de auscultação para comprovar que nosso idioma está sendo oficialmente desrespeitado e o nosso caipira não socorrido na sua ignorância. A cultura não admite derrotistas.

● A seção Questões Vernáculas publicada há décadas e o "Dicionário" do professor Al-

meida estão repletos de contradições, bem como de erros e abusos. O autor demonstra, por exemplo, não saber conjugar o subjuntivo. A edição do *Estado* de 4-12-88 reservou 65 centímetros de coluna à algo quixotesca insistência do professor Almeida em que o correto era "lançadeira espa-



Napoleão: "Não necessitamos de lentes de aumento"

Paulo Vitale/AE

cial" e não "ônibus espacial". **Angelo Rodrigues Rabello, Tremembé (SP)**

N.M.A.: O lamento não é de um gramático, mas de um cidadão que preza o país em que nasceu e os professores que o educaram; a baixeza do ensino é uma só, permanente e progressiva em qualquer parte do Brasil, desde 1931, ano em que se instituíram as férias de julho; os leitores d' o Estado têm capacidade bastante, de posse do Dicionário de Questões Vernáculas, de julgar o acerto do que aí se pode ler dos cinco mil e poucos verbetes, todos eles com o intuito de continuar o que mestres do idioma, entre nós da altura de um Mário Barreto, em Portugal da estatura de um Vasco Botelho de Amaral, ensinaram, no anseio de bem informar, sem pretender introduzir barbarismos, sem dar fôro de legitimidade ao erro.

● Enquanto o americano encontra disposição para fazer valer seus direitos, e é um escravo das leis, o brasileiro ca-

minha no sentido oposto: nem as conhece, nem as respeita. Desde 1971 o Brasil convive com a Lei 5.692. É dela a resolução nº 8, de 1º-12-71, que fixa o Núcleo Comum para os Currículos de 1º e 2º Graus. A citação acima de documento legal é, a nosso ver, bastante suficiente para demonstrar que andam à margem da lei os que preferem Português a Língua Portuguesa. **Ronald Sagula, Mococa (SP)**

NMA: Gostei da afirmação "O americano é escravo das leis"; das leis de fundo jurídico e das leis de caráter gramatical; uma aula na escola de Laws da Universidade de Nova York , na Washington Square ou um exemplar do The New York Times provam-nos de sobejão sua veracidade. Agradeço a referência à Gramática Metódica, redigida quando ainda não havia a designação "Língua Portuguesa" como única, em lugar de "Português"; contra essa exclusividade é que me tenho demonstrado contrário.